

05/04/2013 às 00h00

Príncipe para sempre

Por Mônica Cristina Corrêa | Para o Valor, de Florianópolis



Há 70 anos, num dia 6 de abril, surgia um livro que se tornaria um fenômeno editorial, perpetuando-se como um mito: "O Pequeno Príncipe", do escritor e também piloto francês Antoine de Saint-Exupéry. O livro foi escrito, ilustrado e lançado em Nova York, onde Saint-Exupéry esteve entre 1940 e 1943, desmobilizado e num exílio voluntário, após ter participado de perigosas missões na Segunda Guerra. Quinhentos exemplares em inglês chegaram às livrarias, junto a outros 260 em francês - língua em que foi escrito. Na França, a obra foi lançada apenas em abril de 1946, pela editora Gallimard. E postumamente: Saint-Exupéry havia morrido em uma missão em 31 de julho de 1944, no mar Mediterrâneo. Ele nunca conheceu o sucesso de seu último livro, que se diferenciava dos demais por ser ilustrado e constituir-se num conto fantástico, enquanto os anteriores se voltavam para o cotidiano da vida de piloto numa época em que voar era praticamente uma proeza. Exceção ao conjunto é o também filosófico "Cidadela", obra inacabada e póstuma.

Em 1947, "O Pequeno Príncipe" foi traduzido para o polonês; em 1949, para alemão e italiano; em 1950, dinamarquês; em 1951, espanhol, finlandês e holandês; em 1952, foi vertido para o português (no Brasil), o hebraico, o sueco e assim por diante, até se somarem as mais de 250 traduções atuais, incluindo-se dialetos, abrangendo-se 26 alfabetos, 600 edições diferentes e as reimpressões. Em 2005, "Harry Potter" contava traduções em 60 línguas.

É mais de 1 bilhão de exemplares publicados e estima-se que, em média, sejam vendidos 5 mil livros por semana na França e 3,5 mil no mundo. Trata-se de um texto literário de caráter planetário, fenômeno que avança para o século XXI. Mas o que explicaria tamanho sucesso de um título relativamente breve e ilustrado com desenhos do próprio autor, que incitaram a criação de produtos derivados de toda sorte e um certo culto dos personagens? Sempre será difícil precisar, até porque as interpretações de críticos e leitores parecem tão plurais quanto as individualidades.

"O Pequeno Príncipe" difundiu-se num cenário pós-guerra. Suas premissas e a valorização da infância e do que ela poderia ter de precioso - ingenuidade, tolerância, espontaneidade - podem ter correspondido às ansiedades do Ocidente

em reconstrução. Voltado às crianças, pelo que demonstram os números, atinge todas as faixas etárias.

Segundo o escritor e crítico franco-americano Philippe Forest, autor, entre outros, de "Le Siècle des Nuages" (O século das nuvens, tradução livre), "'O Pequeno Príncipe' é um livro destinado ao mesmo tempo aos adultos e às crianças. O leitor pode descobri-lo muito jovem. E pode continuar a ler e reler por toda a vida. Eis a força dos grandes textos. Parece que era o livro preferido do filósofo Heidegger. Que uma obra possa ser apreciada do mais complexo e mais abstrato dos autores do século XX e por um garotinho de 10 anos é algo muito excepcional".

Forest compara "O Pequeno Príncipe" a "Peter Pan", de James Barrie: "Há muito em comum nessas obras. Atrás da leveza de uma narrativa para crianças, trata-se de aventuras muito melancólicas que falam do luto [Saint-Exupéry e Barrie perderam ambos um irmão criança]. São dois contos paradoxais que ensinam a não crescer e a manter viva a criança que fomos".

Além disso, é convergência entre alguns estudiosos que "O Pequeno Príncipe" seja um livro abrangente em termos de conceitos. Stacy de laBruyère, biógrafa americana de Saint-Exupéry, observa que "O Pequeno Príncipe" desafia categorias. Na linha tênue que separa uma fábula de uma sátira, "a obra tem um pé em cada campo".

Não há, de fato, documentos do próprio Saint-Exupéry que deem muitas pistas da gênese de "O Pequeno Príncipe". No entanto, várias versões do manuscrito ou mesmo datilografadas fornecem indícios de sua elaboração. O original encontra-se na Pierpont Morgan Library, em Nova York, ali deixado por Sylvia Hamilton, com quem Saint-Exupéry se relacionou na época. É um texto de difícil leitura, com as variantes das correções do autor, e contém 35 desenhos que foram descartados na edição original. Quatro outras versões foram localizadas, com correções datilografadas por Saint-Exupéry. Uma está em Paris, na Biblioteca Nacional, doada pela pianista Nadia Boulanger (amiga do autor); outra em Austin (Texas), que foi confiada pelo piloto a seu tradutor americano Lewis Galantière; uma terceira, de origem desconhecida, foi vendida em Londres em 1989 (contendo mais de cem correções do autor e dois desenhos a lápis incluídos) e, por fim, uma quarta versão é de propriedade do legatário de Consuelo, mulher de Saint-Exupéry.

Quem conhece o restante da obra do piloto-escritor nota que os temas tratados no conto estão presentes, de modo mais ou menos diluído, nos demais textos. A rosa desprotegida, a atenção à ecologia quando tal conceito ainda não existia, a solidão, o luto, a morte, sobretudo a dicotomia entre o visível (a matéria e a materialidade das coisas) e o invisível (essência das coisas ou os sentimentos) num autor de formação católica que acreditava nos valores acima dos objetos.

Virgil Tanase, dramaturgo romeno que acaba de lançar uma biografia de Saint-Exupéry na França, diz que é inegável que para o francês o mistério da existência é uma equação de simplicidade bíblica: "A bola de carne que cresce, torna-se adulta e morre é um sopro sobre um fio tênue, mas durável, que escapa ao tempo: o espírito". No entanto, se há consenso em que a obra é também autobiográfica - a presença do deserto e do avião o atestam -, os especialistas reconhecem que se trata de um livro que pode nem sempre remeter a seu autor. Assim, diz Stacy de laBruyère: "Mais do que nunca, acho que o Pequeno Príncipe obscurece seu autor". Virgil Tanase está alinhado com ela: "A existência de Saint-Exupéry foi dedicada ao 'espírito', mas, ao mesmo tempo, 'O Pequeno Príncipe' que nos fala dele não precisa

do autor para nos mostrar o caminho certo". E prossegue: "O texto - que tem traços da vida de Saint-Exupéry, o que ocorre com todos os autores - funciona por si mesmo". As estatísticas que o digam.

Mônica Cristina Corrêa, doutora em língua e literatura francesa pela USP, é representante da Succession Saint-Exupéry em Santa Catarina

© 2000 – 2012. Todos os direitos reservados ao Valor Econômico S.A. . Verifique nossos Termos de Uso em <http://www.valor.com.br/termos-de-uso>. Este material não pode ser publicado, reescrito, redistribuído ou transmitido por broadcast sem autorização do Valor Econômico.

Leia mais em:

<http://www.valor.com.br/cultura/3074138/principe-para-sempre#ixzz2QMc8n2Pq>